

# O Icebergue

---

Zelda Sayre

Citation: Zelda Sayre. "O Icebergue." Tradução de Carla Morais Pires. *Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 12, n.º 2, 2023, pp. 105-107. ISSN: 2182-9934. Web: <http://ojs.letras.up.pt/>. DOI: [https://doi.org/10.21747/2182-9934/via12\\_2a8](https://doi.org/10.21747/2182-9934/via12_2a8).

## **Nota Introdutória**

*"The Iceberg", conto da autoria de Zelda Sayre, foi publicado em 1918 na revista literária da escola que frequentava, tendo sido premiado. Zelda Sayre tinha então dezoito anos. Dois anos mais tarde, casava com F. Scott Fitzgerald, passando a ser conhecida como Zelda Fitzgerald. O conto foi recentemente descoberto.*

Carla Morais Pires

Fonte: The New Yorker

Cornelia olhou fixamente pela janela e suspirou, não porque estivesse particularmente infeliz, mas porque mortificara os pais e dececionara os amigos. As suas duas irmãs, mais novas do que ela, estavam casadas e desde há muito arrumadas; no entanto, ela continuava ali, aos trinta anos, qual maçã serôdia ou centáurea desbotada, esquecida ou sem que valesse a pena ser colhida. O pai não a censurava. Sugeria amavelmente que talvez Neilie fizesse mais por si própria se o resto da família a deixasse em paz. O irmão dizia, "A Cornie é uma rapariga encantadora, e até é bonita, mas não tem magnetismo. É o mesmo que alguém tentar lidar com um icebergue." Apesar disso, o gato da família achava-a bastante recetiva, e o pequeno *fox terrier*, em boa verdade, adorava-a, já para não falar de um gaio-azul que teimava numa amigável disputa sempre que ela se esgueirava para o seu refúgio no antiquado jardim meridional. A mãe dizia, "A Cornelia não é simpática. Ela olha para um homem com o pensamento a quilómetros de distância, e não há vaidade masculina que tolere uma coisa dessas. De que valem roupas bonitas e talentos musicais se a bondade é posta de parte? Não! Não! A Cornelia jamais casará, a Cornelia é o meu desespero."

Por vezes, Cornelia cansava-se da desaprovação e ressentia-a. "Mãe", perguntava então, "será o casamento a finalidade e o objetivo da vida? Não haverá mais nada em que uma mulher possa despender a sua energia? A minha irmã Nettie

está amarrada a um mangas de alpaca e, entre tratar do bebé e cuidar de pagar as contas, parece mais velha do que eu. A minha irmã Blanche encontra tão pouco consolo num marido apagado que se dedicou a missões no estrangeiro e ao sufrágio para se distrair. Já que sou um problema económico, volto-me para o ramo comercial.

Como tal, sem mais demoras, iniciou em segredo um curso na escola comercial e ensinou os dedos, que haviam dedilhado Chopin e Chaminade, a serem igualmente destros na máquina de escrever. Os olhos pareciam tornar-se maiores e mais luminosos à medida que decifrava os hieróglifos da estenografia.

– Esta menina Holton é uma maravilha – observou o diretor da escola.

– Sim, é um fracasso social, mas promete vir a ser um sucesso comercial – concordou um jovem que em tempos estivera entregue à sua indiferença.

Foi então que o telefone tocou.

– Homessa, é para já! Aguarde um momento, vou verificar. – Dirigindo-se gentilmente para a secretária de Cornelia, disse: – Menina Holton, considero-a bastante eficiente como aluna. Importa-se de atender a um pedido urgente? A firma Gimbel, Brown e Cia. pretende uma estenógrafa de imediato. O que acha de ficar com o lugar?

– O que acho? Ora essa, vem mesmo a calhar. Deixe-me ir buscar o chapéu e vou já para lá.

– Bem – respondeu o diretor –, gosto de uma rapariga que sabe o que quer.

Se ao menos a mãe tivesse ouvido aquilo! Afinal, talvez Cornelia tivesse sabido desde sempre o que queria – sem o conseguir encontrar. Afinal, talvez uma equação social que envolvesse calças não tivesse sido exatamente aquilo por que ansiava. Afinal, talvez andasse à procura da sua própria expressão. De qualquer modo, não perdeu tempo a encontrar a firma e não ficou minimamente amedrontada que fosse o poderoso multimilionário Gimbel a precisar dos seus serviços.

– É a menina Holton? Cornelia Holton, a filha do meu velho amigo Dan Holton? Meu Deus, por favor sente-se! É tão inesperado! Por favor, diga-me, quando é que entrou para a arena comercial?

Cornelia não estava envergonhada. Com a sua habitual franqueza, respondeu:

– Sim, sou Cornelia Holton, e estou neste ofício para ficar. Se a arena estiver cheia de touros e ursos, aqui estou eu para lutar. Em que lhe posso ser útil, senhor Gimble?

Com um brilho no olhar e um sorrisinho enigmático, o senhor Gimble empurrou a pilha de papel branco como a neve na direção de Cornelia e começou a ditar. As mensagens voavam de norte, sul, este, oeste, e os dedos de Cornelia voavam com

elas. Brancos, esguios, e bem proporcionados, ornavam a máquina de escrever como haviam feito no piano e, quando a hora de almoço chegou, tinha o rosto afogueado e os pequenos caracóis castanhos pendiam-lhe sobre a testa com uma ligeira transpiração pelo esforço feito. Cornelia estava linda na sua primeira conquista da máquina de escrever!

Ao levantar-se para sair, corou e balbuciou:

– Senhor Gimble, agradeço-lhe que não conte nada aos meus pais. Eles não têm conhecimento desta minha iniciativa e ficariam bastante horrorizados. Sabe, nada é tão bem-sucedido como o sucesso. Fui um fracasso tempo suficiente. E sorriu ao sair, a velha graciosidade do detestável salão de baile a colar-se a ela apesar da sua firme determinação.

– Caramba! – exclamou o senhor Gimble. – Caramba! – reiterou, – quem haveria de pensar que uma Holton seguisse a carreira comercial! Ora, a mãe dessa rapariga foi a maior beldade que esta cidade algum dia gerou. Bem, talvez Cornelia não tivesse conseguido casar. – Assim, também ele seguiu o seu caminho a pensar na delicada esposa que lhe morrera há uns anos, e no enorme vazio que tomou o seu lugar e que ele tentara preencher com dinheiro.

Passaram-se alguns meses. Os Holton haviam ficado chocados quando Cornelia anunciou a sua carreira de sucesso, mas acabaram por seguir o curso normal da vida. O gato disse, “Eu bem vos disse! Eu sabia que ela tinha em si o fator sucesso!” O pequeno cão ladrou, “Diabos a levem! Sempre soube que não abanava a cauda em vão.” O gaio-azul bradou ruidosamente, “Vá, vamos lá e acabemos com a nossa discussão. Se eu posso construir um ninho, tu também, e se tentares podes criar uma família também. Vá, vamos lá!” Mas isso não foi nada comparado com o que a sociedade disse quando Cornelia Holton e James G. Gimble entraram discretamente no gabinete do Sagrado Reverendo e se tornaram um só, até mesmo nos milhões e na célebre propriedade, um palácio de arte e de requinte estético.

A senhora Holton desmaiou para cima da chávena de café quando abriu o matutino e olhou para a manchete, lado a lado e praticamente do mesmo tamanho das notícias sobre a guerra. O senhor Holton soltou uma risadinha, enquanto entornava a garrafa de água sobre o *négligé* mais caro da esposa.

– Eu sempre disse que Cornelia tinha um trunfo na manga – comentou ele.

– Bem, a velha mana lá acabou por aquecer – acrescentou o irmão.

A porta da frente abriu-se e as irmãs desgrenhadas entraram, a gritar, “Mamã, mamã, Cornelia, a solteirona, levou-nos a melhor no casamento!”